

POR ONDE TEM ANDADO A SALA DE AULA?

Não é novidade que as práticas de ensino baseadas na exposição única e exclusiva de conteúdos por parte do professor não tem dado conta das salas de aula. A competição com o volume de informação, com a prontidão de acesso e com a virtualidade de saberes distando apenas um clique é desleal em muitos casos. Mas será que nós, professores, precisamos estar sempre nos reinventando? Eu diria que não. Se formos pensar na época do rádio, o que será que os professores falaram? E quando chegou a tv?! Que disparate não deve ter sido! Mesmo nos dias atuais, o acesso digital passa longe de ser democrático, não somente pela ausência de acesso, mas pelo analfabetismo, pelo preço dos equipamentos e outras questões. Costa (2009) detalha que centros públicos pagos como as *lan houses* são os principais pontos de acesso, respondendo por 48% dos acessos; seguidos pelos domicílios próprios (42%) ou de outrem (22%), trabalho (21%); e tímidos 14% nas escolas. Algum avanço foi atingido desde 2009, podendo ser citado, por exemplo, o projeto UCA - Um computador por Aluno. Uma análise mais detalhada do projeto pode ser encontrada numa obra organizada por Sampaio e Elia (2012) que apresentam dados de pesquisa e perspectivas sobre a proposta, enquanto Grossi e Costa (2013) discorrem sobre o efeito da desigualdade e exclusão social no âmbito digital.

Seguindo esse raciocínio devemos então pensar, o que torna a escola menos motivadora hoje em dia? O foco deixa de ser a internet, a conexão, o conhecimento na ponta dos dedos, mas recai sobre as nossas práticas docentes cotidianas. De tal forma que nossos alunos, não importando a faixa etária, parecem “desinteressados” nos conteúdos ministrados. Torna-se imprescindível reconhecermos nossos erros e acertos, de todas as partes, envolvendo a comunidade escolar nesse processo.

Morin (s/d) defende a ideia de que antes de qualquer coisa devemos refletir sobre nossa compreensão sobre a palavra *CONHECIMENTO*. Segundo o autor “o conhecimento nunca é um reflexo ou espelho da realidade. O conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução” (MORIN, s/d, p. 1). Atrela ainda a essa questão o fato de que nem sempre o conhecimento ensinado é pertinente, principalmente quando insistimos no modelo disciplinar, ignorando os avanços e conexões existentes entre os saberes das múltiplas disciplinas. Ou seja, “o ensino por disciplina, fragmentado e dividido, impede a capacidade natural que o espírito tem de contextualizar, é essa capacidade que deve ser estimulada e deve ser desenvolvida pelo ensino de ligar as partes ao todo e o todo às partes”(p. 4).

Em seu livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, Morin, retoma uma defesa feita por Huizinga (2008) sobre a importância de trazermos o lúdico, o jogo para nosso contexto educacional. O *Homo sapiens* é também *Homo ludens* não se definindo exclusivamente pelo trabalho, mas por uma série de outros interesses.

Com base nos elementos acima que me deparo com o repertório aprovado e selecionado para o volume 3 do número 7 da Revista Ciências & Ideias, buscando a partir do lúdico, propor atividades didáticas para discutir e refletir sobre temas do ensino de ciências, conforme podemos ler nos artigos: “PROFESSOR, O QUE FAZER NO ZOOLÓGICO?”, “A MÁGICA COMO FERRAMENTA DE ESTIMULAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE FÍSICA”, “CIÊNCIAS EM CENA: O CINEMA COMO REGISTRO HISTÓRICO-FILOSÓFICO DAS VISÕES DOS EDUCANDOS SOBRE AS CIÊNCIAS



DA NATUREZA”, e; “CIANO QUIZ: UM JOGO DIGITAL SOBRE CIANOBACTÉRIAS COMO INSTRUMENTO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO”.

Os artigos “PETRÓLEO E DERIVADOS: PROBLEMATIZANDO O ENSINO DE QUÍMICA”, “AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS NO ESPÍRITO SANTO E SUAS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DA CIÊNCIA – ABORDAGENS PRELIMINARES” e “ESTUDO DE CASOS: UMA REALIDADE OPERACIONAL APLICADA AO ENSINO DE QUÍMICA NUM CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS BOMBEIROS” buscam repensar temas científicos revistando a história e as associações entre a ciência e a sociedade, contextualizando em situações reais de ensino. Autores distintos se debruçaram sobre a compreensão do que está presente nos livros didáticos e na produção da pós-graduação, buscando iniciar um debate sobre o impacto desses discursos, conforme podemos ler em “MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA SOBRE A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS”, “O ENEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE FÍSICA RECOMENDADOS PELO PNLD 2015” e “ANÁLISE DO CONTEÚDO DE FUNGOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO”.

O volume específico da revista conta ainda com artigos que divulgam de forma propositiva os resultados de aplicações de diferentes estratégias pedagógicas, tal como leremos em “ELABORAÇÃO DE UMA NARRATIVA PARA A APRENDIZAGEM DE ESTEQUIOMETRIA”; “PROBLEMATIZANDO E DESAFIANDO EM MATEMÁTICA PARA DESENVOLVER CARACTERÍSTICAS CRIATIVAS NOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL”, “PRODUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERDISCIPLINAR COM O FOCO NA QUÍMICA DOS CREMES DENTAIS: POSSIBILIDADES PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO”, “UNIDADE DE APRENDIZAGEM: DESENVOLVENDO A CIDADANIA ATRAVÉS DA TEMÁTICA TRÂNSITO”, “A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS: CONTRIBUIÇÕES DA UTILIZAÇÃO DOS CONCEITOS UNIFICADORES”, “DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DE ESTEREOQUÍMICA” e “ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA PREVENÇÃO DA OBESIDADE EM ADOLESCENTES ESCOLARES”.

Após essa breve reflexão, convido-os a navegar pelos artigos elencados para esse volume, com o olhar curioso que todo professor tem, no tocante a sua prática cotidiana, no seu fazer ensinar e aprender de todo dia.

Referências

- Costa, M. V. Inclusão digital - banda larga em todo o País - Embora o governo ainda trabalhe no plano, há várias ações em curso. 2009. Ano 7. Edição 56 - 10/12/2009. Disponível em http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1265:reportagens-materias&Itemid=39
- Grossi, M. C., R; Costa, J. W. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. Nuances: estudos sobre Educação, v. 24, n. 2, p. 68-85. 2013
- Huizinga, J. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva, 256 p. 2008.
- Morin, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. s/d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>



Sampaio, F. F; Elia, M. F. Projeto um computador por aluno: pesquisas e perspectivas / (organizadores). Rio de Janeiro: NCE/UFRJ, 270 p. 2012. Disponível em: <http://www.nce.ufrj.br/ginape/livro-prouca/livroprouca.pdf>

Giselle Rôças de Souza Fonseca é...

Possui graduação em Ciências Biológicas Modalidade Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995), mestrado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e doutorado em Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Desenvolve um trabalho junto aos professores da Educação Básica e Superior, com o intuito de promover uma maior articulação entre os saberes advindos da Biologia e das chamadas Ciências da Natureza com as práticas do Ensino das Ciências em espaços formais de ensino. Professora Associada I do ensino superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, com livros e artigos publicados, além de orientações de Iniciação Científica, Especialização e Mestrado. Atualmente participo de projetos de pesquisa com ênfase no Ensino de Ciências, com apoio da FAPERJ, CAPES, IFRJ e CNPq. Integro o corpo docente do curso de Controle Ambiental do Ensino Médio Técnico e do Bacharelado de Produção Cultural, ministrando a disciplina Ciências Ambientais I, Ciência e Arte e Gestão de projetos ambientais. No período de junho de 2013 a outubro de 2014 atuei como Coordenadora Adjunta dos Mestrados Profissionais na área 46 - CAPES. Sou docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências - PROPEC - do IFRJ.

ORCID - 0000-0002-1669-7725

DOI: 10.22407/2176-1477/2016.v7i3.668